



A DESCRIÇÃO DO AGORA EM HUSSERL

Aron Pilotto Barco¹

Resumo: Qual o sentido de dizer “agora”? Estamos habituados às relações temporais estabelecidas por pontos de referência (como “ontem”), distintos entre si por medições e contagens de tempo (que utilizam estalões, como “dia”). Pois, o agora é somente mais um desses pontos? Husserl nos diz que não é olhando somente para o tempo já partilhado em comum pelo mundo que compreenderemos qual o sentido do agora. Neste artigo procuro seguir a teoria do tempo de Husserl a fim de defender como a perspectiva fenomenológica pode clarear as distinções pertinentes entre “ponto” e “agora”, especialmente quando compreendermos “agora” como *origem* que encerra em si problemas categorialmente distintos daqueles referentes às medições no tempo objetivo.

Palavras-chave: agora; tempo; fenomenologia; Husserl.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás.

INTRODUÇÃO

Há uma sombra no centro da investigação fenomenológica que o trabalho analítico de Husserl esforçadamente busca capturar, vacilante quanto ao seu sucesso. Esta sombra reside na tarefa fundamental de desvendar o que é o “agora”. O tempo é um dos maiores – senão o maior – problema da fenomenologia. A temporalidade da consciência é o fundamento último para Husserl, desde o surgimento do problema no curso de 1905 até seus últimos escritos na década de 1930², e o “agora” está em seu centro; tomada a perspectiva em primeira pessoa, notamos que para a consciência é sempre agora enquanto, por outro lado, como a consciência é inextirpável do mundo, também o é a conexão da consciência do “agora” com o “agora” do mundo em seu tempo físico-cósmico. No linguajar husserliano, trata-se do encaixe necessário entre a perpétua atualidade temporal da consciência (ou, como denomina o Husserl tardio, o presente fluente) com o tempo medível por qualquer um. Esta conexão significa a virada do subjetivo para o intersubjetivo, de *um agora* que é apenas “meu” para *o agora* de um “nós”; e não há nada melhor para definir qual o significado de “realidade” do que o agora universal.

Então, para empreender a tarefa de compreender este conceito central na questão do tempo, como é de praxe na fenomenologia, trataremos de alguns modelos compreensivos que o pensamento fenomenológico busca superar. Talvez a mais danosa dessas figuras representativas seja a representação geométrica do presente afigurando um gráfico temporal. Costumeiramente, um gráfico temporal é traçado fazendo uso de uma reta, esta representado o fluxo temporal (tanto rumando para o futuro, ou dirigindo-se à consolidação do passado), e nela o “agora” é identificado por

² Os textos reunidos do curso de 1905 e outros demais dispersos datados até 1917, hoje compõe o volume X da Husserliana (as obras completas de Husserl, comumente abreviadas como Hua), *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins* (HUSSERL, 1994). Além dessa obra seminal, há também o volume XXXIII *Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein*, de 1918, e *Späte Texte Über Zeitkonstitution (1929–1934)*, *Die C-Manuskripte* (HUSSERL, 2006b), material extra da Husserliana contendo todos os últimos escritos de Husserl acerca do tema.

um ponto médio, intermediando passado e futuro, uma espécie de limite temporal entre o *ainda-não-é* do *já-foi*. Ou seja, a compreensão habitual posta em funcionamento neste tipo de representação equipara o sentido do agora à figura geométrica do ponto; o agora seria temporalmente adimensional assim como um ponto é espacialmente adimensional. A interpretação realista segue que “agora” seria a passagem instantânea entre futuro e passado. Sendo assim, quais problemas surgem se levarmos esta compreensão ao escrutínio fenomenológico?

Husserl, no que talvez seja seu livro mais conhecido, o primeiro volume de *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (2006a), deu exatamente esta cara ao agora, afirmando que “todo agora atual se transforma num ‘ainda há pouco’, este ‘ainda há pouco’ por sua vez e continuamente em novos ‘ainda há pouco’”, tal que “o agora atual é necessariamente e permanece algo pontual, uma forma que persiste para sempre nova matéria.” (2006a, p. 186). Porém, na página seguinte, encontramos: “todo agora de vivido possui um horizonte de vividos que também têm justamente a forma originária do ‘agora’, e como tais constituem um único horizonte de originariedade do eu puro, o seu *agora* de consciência completo e originário” (2006a, p. 187). No mesmo trecho temos “agora” como “algo pontual”, mas como detentor de “um horizonte de vividos”. Como algo pontual pode conter todo um horizonte?

Porém, não é nesta obra que encontramos a mais profunda análise de Husserl sobre o tema. À luz da obra fundamental sobre fenomenologia do tempo, *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*, as *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* (1966), veremos que este modo de compreender o agora como “ponto central na reta do tempo” revela-se falho quando atentamos à consciência do que *agora-mesmo-foi*, a consciência do que efetivamente *é* enquanto estamos falando “agora”. Trata-se de uma noção evidente que não é preciso *lembrar* (no sentido forte) o que *agora-mesmo* se fez para saber o que se está a fazer. Fosse assim, a consciência atual, esta com a qual se diz “agora”, seria sempre um depois – o transcorrer do tempo seria em verdade um constante desaparecimento

da consciência para ela mesma. Ou seja, não há sentido em dizer que não haja uma consciência atual em seu agora, pois implicaria em apagar (ou esquecer) ao *que* o sentido deste dêitico aponta e a confinar a compreensão do ser da consciência à sua própria capacidade de retenção. Husserl é um crítico feroz desta noção:

O que é “doador” à percepção é necessariamente algo temporalmente estendido, não algo com o caráter de um mero ponto no tempo. Isso é evidente. Ainda, quanto à essência da percepção, enquanto seu caráter temporal está em causa, de fato a ele pertence um privilégio necessário de um “agora” e uma graduação gradual rumo ao agora – um tipo de relação de ascensão e intensificação na direção do ponto-zero; e na direção oposta, um embaçamento à indistinção, que, no entanto, não essencialmente aparece enquanto tal. [...] Que toda a realidade reside no indivisível ponto-do-agora, que na fenomenologia tudo deva ser reduzido a esse ponto – isso são altas ficções e conduz a absurdos (HUSSERL, 1966, p. 168-169).³

Estes são alguns dos motivos que fazem da questão do agora e do presente um tema capital da fenomenologia. Ela aparece enquanto instância decisiva para a tese basilar de que a eclosão do mundo se dá nos atos de apresentação (*Gegenwärtigung* – a apreensão de algo presente à consciência), e de presentificação (*Vergegenwärtigung* – o “trazer” ao presente de que a consciência é capaz, como numa recordação). Em ambos estes atos intuitivos, o presente (*gegenwart*) surge como a fonte de onde emanam *continuadamente* todos os processos de consciência, e por isso, o perpétuo “lôcus” temporal da subjetividade. Desta forma, frente a essa tal mudez da gênese da consciência do tempo, o dêitico “agora” aponta para o quê?

³ Das der Wahrnehmung “Gegebene” ist notwendig ein zeitlich Ausgedehntes, nicht ein bloß zeitlich Punktuell. Das ist evident. Zum Wesen der Wahrnehmung gehört hinsichtlich des Zeitcharakters aber die notwendige Bevorzugung eines “Jetzt” und eine graduelle Abstufung gegen das Jetzt hin, eine Art Steigerungsbeziehung gegen den Nullpunkt, in der umgekehrten Richtung ein unklares Verschwimmen, das aber als solches nicht wesentlich erscheint. [...] Daß alle Realität in dem unteilbaren Jetztpunkt liegt, daß in der Phänomenologie alles auf diesen Punkt reduziert werden sollte, das sind lauter Fiktionen und führt zu Absurditäten.

O PRESENTE EXTENSO

O tema que anunciamos aqui já foi proposto diretamente para Husserl. Dorion Cairns registrou a conversa que teve com Husserl e Fink em 1931, exatamente quando levantou esta questão:

Levantei a dúvida se o ponto-agora era percebível como um *ponto*, se não era um limite ideal do estreitamento do presente especioso, algo indicado (*angedeutet*) pelo presente especioso, mas não estritamente percebido. Nesta esfera, disse Husserl, não há nada como um ideal. É verdade que para toda continuidade experienciada pode-se dispor uma continuidade matemática, mas este processo de matematização, de logicização, é secundário. [...] Ele voltou à análise da consciência do tempo, e desenvolveu sua característica de ser mais que uma fronteira entre passado e futuro, já que dela o passado emana e nela o futuro é atualizado (CAIRNS, 1976, p. 17).⁴

Antes de qualquer exegese textual, para entender os propósitos de Husserl precisamos lançar mão de alguns conceitos básicos de sua análise da consciência do tempo. A análise de Husserl tem início na tese de Brentano de que presente e passado mantém uma conexão não-associativa e dada de antemão: o passado está presente à consciência atual como uma unidade intencional. Portanto, no presente há consciência tanto do “agora” como do “não-agora”⁵. “Agora” enquanto percepção do mundo circundante e presente; “não-agora” enquanto consciência de

⁴ I raised the doubt whether the now-point as point was perceivable, whether it was not as ideal limit of the narrowing down of the specious present, something indicated (*angedeutet*) by the specious present, but not strictly perceived. In this sphere, said Husserl, there is nothing like an ideal. True, to every experienced continuity a mathematical continuity can be fitted, but this process of mathematization, of logicizing, is a secondary one. [...] He returned to the analysis of the time-consciousness, and developed its characteristic of being more than a mere boundary between past and future, since out of it the past springs and in it the future is actualized.

⁵ O que não significa que ambos estejam homologados: “(...) os conteúdos primários que se estendem no agora não podem permutar a sua função temporal, o agora não pode apresentar-se como não-agora, o não-agora não pode apresentar-se como agora. De fato, se fosse de outro modo, todo o contínuo de conteúdos poderia ser visto como agora e, consequentemente, como coexistente, e de seguida de novo como uma sucessão. Isso é evidentemente impossível” (1966, p. 322).

experiências passadas.

A primeira tarefa fenomenológica é explicar como pode haver consciência da não-atualidade. Para Husserl isso nos mostra como as condições de formação do passado também se encontram no presente, uma vez que a doação do não-agora é sempre no presente. Como é evidente, um presente que constitua o passado não pode atuar como ponto, pois é devido à consciência do ser presente que há passado, tal que o passado só existe em função do presente. Sem muitas dificuldades podemos aplicar o mesmo para o futuro: também as expectativas são um não-agora na consciência atual, e é devido a uma “projeção expectativa” desempenhada pelo Ego em seu presente que pode haver a constituição de um futuro.

Se em consciência temos conjuntamente uma profundidade de “passado” e uma abertura ao “futuro”, fornecendo conteúdo para a constituição de passado e futuro propriamente ditos, é porque ela não está *pulando* de agora em agora, mas sim se desenrolando numa duração específica. Melhor diz Husserl: “a percepção da duração pressupõe ela própria a duração da percepção” (1966, p. 22)⁶. A consequência fundamental desta evidência fenomenológica é justamente a temporalidade da consciência. Para que seja possível algo como uma “percepção do tempo” é preciso haver uma temporalidade da consciência. Ou melhor, *a consciência deve estar no tempo e o tempo deve estar na consciência*. A fundo, trata-se de uma fórmula simples: o tempo só pode aparecer para nós porque a consciência é temporalizada, e sabemos que a consciência o é porque transcorre continuamente assim como o tempo, encontrando-se no agora e estendendo-se num antes e num depois. Esse modo de ser da consciência é o que possibilita *a priori* todo acesso ao passado. Mesmo em seu horizonte total, o passado é o conjunto destas retenções, pois “cada retenção é em si mesma uma modificação contínua que, por assim dizer, traz em si, na forma de uma cadeia de adumbramentos, a herança do

⁶ [...] daß Wahrnehmung der Dauer selbst Dauer der Wahrnehmung voraussetzt.

passado” (1966, p. 29-30)⁷.

A fenomenologia não pode deixar a consciência – no caso, do tempo – ser compreendida como um correlato subjetivo, como se “estudássemos então, no fundo, apenas as condições subjetivas de possibilidade de uma intuição e de um específico conhecimento do tempo” (1966, p. 5)⁸. Em fenomenologia, altera-se o ângulo a partir do qual se pensa o tempo: em vez de falarmos de movimentos e/ou modificações que duram um valor *t* de tempo, falamos na *duração de atos vivenciados*, atos como a percepção de movimentos e/ou modificações. Ora, como isso nos leva a tese da extensão do presente? Algumas características triviais da percepção precisam ser sublinhadas:

(1) Toda percepção se insere num contínuo de percepções, um verdadeiro fluxo de consciência, e por isso as percepções não são unidades discretas. Por “fluxo”, Husserl implica a continuidade incindível da vida de consciência. Mesmo que lhe isolemos um trecho, nele encontraremos sempre e novamente um fluxo. O que não significa que não seja possível isolar uma determinada percepção no fluxo de vivências, uma vez que toda percepção mantém uma coesão interna que a diferencia das outras (i.e., relações de identidade que a mantém a mesma enquanto perdura, só tornando-se *uma outra* percepção quando o estímulo cessou ou mudou drasticamente). Se tomarmos como exemplo a audição, veremos que quando alguém ouve uma nota ele não precisa recordar a nota anterior: ela ainda está “lá”. De fato, a música inteira está “lá” formando-se propriamente como melodia que é.

(2) Com este exemplo, encontramos a característica de que não há qualquer necessidade de lembrar a percepção que “*agora-mesmo acontece(u)*”, como mencionamos acima. Se falamos em fluxo da consciência, falamos

⁷ [...] jede Retention in sich selbst kontinuierliche Modifikation ist, die sozusagen in Form einer Abschattungsreihe das Erbe der Vergangenheit in sich trägt.

⁸ [...] im Grunde nur die subjektiven Bedingungen der Möglichkeit einer Zeitanschauung und einer eigentlichen Zeiterkenntnis studierten.

num contínuo, e como tal não há aí qualquer pulo entre partes (convicção de Husserl que lembra o lema “*Natura non facit saltus*” de Leibniz). O conteúdo que vai passando temporalmente não é um agora superado e deixado para trás, não é suplantado por uma nova vivência, mas é parte ainda do mesmo fluxo de vivência atual, como o prolongamento do ato no desenrolar de sua duração ao qual só conseguimos nos referir como um “*agora-mesmo-passado*” (ou, na metáfora de Husserl, uma “cauda de cometa”). Husserl denomina esta extensão de consciência do que agora-mesmo passou de *retenção*, precisamente porque a consciência que permanece não tem mais o estímulo, e sim retém isto que “*agora-mesmo acontece(u)*”. Não há “pulo” intencional do presente rumo ao passado, por isso o presente deve ser constituído não só do que agora é.

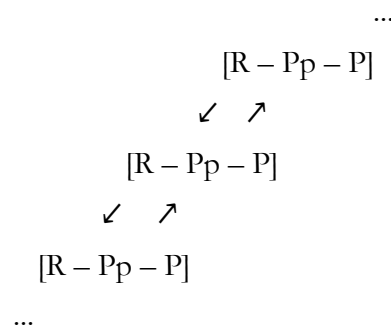
(3) Da mesma forma que há uma profundidade retencional na consciência, a estrutura projeta-se também para possibilitar a constituição do futuro. Em toda percepção há uma constante expectativa involuntária quanto ao que *está para ocorrer*, tanto que podemos ser surpreendidos ou desapontados quando o que ocorre destoa de tal expectativa (ex.: ao experimentar o súbito ou o repentino). Isso mostra como a consciência constantemente se projeta sobre o que virá. E isso não como expectativa, que é gerada de acordo com os cursos regulares de experiências passadas, mas enquanto a forma primordial de toda expectativa, a qual Husserl denomina *protensão*. Diferentemente da retenção, a protensão é “uma intenção dirigida ao futuro, como um tender e um empenhar-se que estão dirigidos ao porvir” (HUSSERL, 2001, p. 129)⁹. Este caráter torna-se especialmente nítido quando experimentamos a decepção, a quebra de expectativa.

(4) Há ainda, por fim, a não resolvida passagem do que é possibilidade na protensão para o que é já efetivo na retenção, isto é, a instância onde o ser literalmente matiza a consciência. Esta instância nuclear

⁹ [...] an *intentio* directed into the future, as an intending and striving that is directed forward.

é denominada por Husserl como *proto-apresentação*¹⁰: é apresentação por ser a consolidação de uma intenção, e diz-se ainda proto- (*Ur-*) porque o faz de modo originário. E assim atua como um limite, pelo qual avançamos e mapeamos a origem temporal da consciência sem, contudo, reduzi-la a um ponto de instantaneidade (exatamente como o limite matemático não se reduz a um ponto, mas ao invés possibilita definir o comportamento de uma função ao se aproximar de um determinado valor; em nosso caso, o valor seria aquele que determina a fronteira entre passado e futuro).

Da associação entre 1, 2, 3 e 4 desponta o núcleo da tese do presente extenso (o que Cairns chamou de “presente especioso”). O campo de passagem entre um componente para o outro é nada menos que o *campo* do presente. A concatenação dos três componentes no fluxo significa a continuidade da consciência. Vejamos isso graficamente. Sendo *R* a retenção, *Pp* a proto-apresentação e *P* a protensão, temos bloco $[R-Pp-P]$ enquanto fórmula da apreensão de cada fase do conteúdo, onde cada *R* contém em si o bloco anterior e cada *P* projeta o bloco seguinte:



¹⁰ Em 1905, o termo utilizado por Husserl é “*Urimpression*”, proto-impressão, substituído em 1918 por “*Urpräsentation*”, proto-apresentação. Lembrando que Husserl usa o termo de origem latina *präsentation* precisamente para que este conceito não seja confundido com a apresentação da *gegenwärtigung* (*gegenwart*: presença, presente). A mudança de proto-impressão para proto-apresentação se deu pelo simples motivo de recorrer a um termo mais preciso, visto que a ideia implícita a “impressão” é a de uma consciência passiva, meramente afetada pelo que percebe. Husserl, que foi um severo crítico do naturalismo ao longo de toda sua carreira, sempre teve cuidado em não reduzir a subjetividade à condição passiva e determinada, nem a condição de completamente livre e determinante.

Neste gráfico¹¹ cada nova fase da percepção contém não apenas a retenção da fase anterior, mas todo horizonte retencional, desde o passado mais recente até o mais remoto, como também todo o bloco anterior (incluindo a protensão). Da mesma forma, o constante protender adiante da consciência lhe mantém aberta ao passar e à apresentação porvir, “levando” o bloco como um todo, somando-se ao rastro da retenção e formando o contínuo do presente.

Porém, nada disso significa que resolvemos a descrição fenomenológica do agora pela descrição do presente: “agora” e “presente” não são o mesmo. O presente, como vimos, é um contínuo de vir-a-ser ao ser efetivo, e somente nele e por ele que podemos “lançar” o dêitico, por ele que podemos dizer “agora”. Mas essa teoria tem peso decisivo em nossa questão por causa do conceito de proto-presentation: não seria este o componente que resolve a aporia? É a proto-presentation o mais autêntico “agora”?

A ANÁLISE ENTRE INSTANCIAÇÃO DE COMPONENTES DISCRETOS E CONTÍNUOS

Apesar de, como já vimos, Husserl ser um crítico feroz da noção de puntiformidade do presente, ao longo de *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins* (1966) também há “deslizes” em direção a este entendimento. Nesta obra o filósofo utiliza a terminologia do “ponto-agora”, e em algumas passagens notadamente se contradiz na caracterização do “agora”. Por exemplo, no mesmo manuscrito de 1905, lê-se: “Todo tempo percebido é percebido como passado que termina no presente. E o presente é um ponto-limite”¹². Já na página seguinte, lê-se:

¹¹ O gráfico não é o mesmo que o utilizado por Husserl (1966), onde a estrutura $[R-Pi-P]$ não é mostrada diretamente, mas antes deduzida através dos automorfismos $x \rightarrow x' \rightarrow x'' \dots$, cuja iteração significa as diversas camadas de retenção das ‘fases’ do objeto temporal. Contudo, já que nesta mesma obra Husserl corrige problemas no gráfico, adotamos esta que é uma versão confeccionada por Alves seguindo as correções de Husserl (ALVES, 2003, p. 173).

¹² Jede wahrgenommene Zeit ist wahrgenommen als Vergangenheit, die in Gegenwart terminiert. Und Gegenwart ist ein Grenz-punkt.

É evidente que cada ponto temporal tem o seu antes e o seu depois e que os pontos e extensões que estão antes não podem ser comprimidos ao modo de uma aproximação de um limite matemático. [...] Se houvesse um ponto limite, então corresponder-lhe-ia um agora que nada teria precedido, o que é evidentemente impossível (HUSSERL, 1966, p. 69-70).¹³

Mas o problema não surge por mero descaso, o próprio caráter desta instância que a análise quer descrever é dúbio. É certo que a percepção flui e continuamente passa, mas se dizemos que *passa* é porque podemos “observá-la” como que de um “ponto estático”. Em outras palavras, a própria atualidade é perpétua, falamos sempre a partir do agora. O tempo percebido aparenta então ser dúbio: “O tempo é rígido e, no entanto, o tempo flui” (idem, p. 64)¹⁴. Frente a este impasse, o olhar analítico vê-se em apuros ao tentar *instanciar* algo como um ponto-agora, um princípio exato e inextenso da irrupção do tempo – especialmente porque este ponto deveria estar no centro da continuidade que a fórmula $[R-Pp-P]$ quer expressar.

Obviamente, Husserl não defende o uso do termo “ponto-agora” nem quer descrever uma puntiformidade no agora, seu propósito é outro. A terminologia de Husserl se encaminha no sentido de *apontar* para a atualidade generativa do tempo. A verdadeira descrição fenomenológica da atualidade fluída é o que a fórmula $[R-Pp-P]$ quer expressar; não enquanto partes menores e atômicas do presente, mas antes como nossa forma de compreender a passagem que segue ininterruptamente de um *quase-aí* para um efetivamente *acontecido*. Estas afirmações encontram-se com uma necessidade levantada por Husserl de que cada agora – tematizado pela consciência no seu atentar para o tempo – pode ser sempre e novamente dividido (em trechos que também se deixam expressar por $[R-Pp-P]$)

¹³ Es ist evident, daß jeder Zeitpunkt sein Vorher und Nachher hat, und daß die Punkte und Strecken vorher sich nicht verdichten können in der Weise einer Annäherung an eine mathematische Grenze [...] Gäbe es einen Grenzpunkt, so entspräche diesem ein Jetzt, dem nichts vorangegangen wäre, und das ist evident unmöglich.

¹⁴ Die Zeit ist starr, und doch fließt die Zeit.

(cf. HUSSERL, 1966, §38), da mesma forma que todo contínuo pode ser infinitamente dividido em novos contínuos¹⁵. Husserl deixa claro nesta passagem:

Deve ainda notar-se que, ao falarmos de “ato perceptivo” e ao dizermos que ele é o ponto do perceber propriamente dito, a que se agrega uma sequência contínua de “retenções”, não descrevemos com isso quaisquer unidades temporais imanentes, mas sim precisamente momentos do fluxo (HUSSERL, 1966, p. 75).

Isto é, Husserl nos provoca a seguir uma direção muito mais frutífera do que meramente tomar o “ponto-agora” como um *verdadeiro* ponto no centro da extensão do presente: a direção de ver além das incapacidades desta linguagem analítica, e notar que todas as determinações alcançadas no campo fenomenológico, de tão “cruas” que são, encontram-se sempre e intrinsecamente cercadas por uma margem de indeterminação. Afinal, estamos falando do apriorístico, nível zero de onde se originam os sentidos. Como argumenta Alves:

A estratégia de Husserl é precisamente essa: utilizar, por um lado, a linguagem da descontinuidade, porque ela é o único instrumento analítico possível para perscrutar a estrutura interna da percepção, mas, por outro lado, mostrar também, a cada momento, que os “elementos” que assim se obtêm contêm já uma estrutura que impede que eles sejam tomados como puros pontos inextensos, quer dizer, como unidades absolutamente autônomas e descontínuas. A dissociação

¹⁵ A origem histórica desta posição está claramente em Aristóteles. Apesar de Husserl não se referir diretamente ao filósofo grego, suas descrições do contínuo encontram-se perfeitamente com as de Aristóteles no livro VI da Física, e.g.: “[...] nada que é contínuo pode ser composto de indivisíveis: e.g. uma linha não pode ser composta de pontos, sendo a linha contínua e o ponto indivisível. As extremidades de dois pontos não podem ser *umas* (já que num indivisível não pode haver extremidades distintas de outras partes) nem *juntas* (já que aquilo que não tem partes não pode ter extremidades, se distintos a extremidade e a coisa da qual é extremidade)” (ARISTÓTELES, 1942, p. 316; trad. nossa). Em Husserl, cf. 1966, p. 99, p. 255-257, e p. 232-233. Contudo, ao menos no desenvolvimento destas mesmas partes citadas, Husserl diverge de Aristóteles no que toca à divisibilidade do contínuo. Husserl afirma que a divisão do contínuo da percepção esbarra em componentes que são *quasi-momentos*, cuja divisão não faz mais sentido para a consciência, pois são tão insignificantes que agiriam como limites matemáticos do contínuo.

analítica da continuidade do ato em fases encontrará sempre elementos que possuem já uma certa “extensão”, que são *campos* e não *pontos* (ALVES, 2003, p. 146).

Segundo a leitura de Alves, estamos fadados à descontinuidade desta linguagem, pois não há outro instrumento analítico disponível. A fundo, os elementos e fases da análise fenomenológica da consciência do tempo não são pontos, não são adimensionais. Mas, então, como pode nascer o entendimento de que são puntiformes? A origem deste desentendimento está no próprio modo de operação da análise. Como disse Alves, a análise é uma linguagem da descontinuidade, i.e., ela formula para si componentes discretos, diferenciados entre si. Mesmo no caso da análise de um contínuo, opera-se com a sua fragmentação. A fórmula $[R-Pp-P]$ é uma fragmentação do contínuo do presente temporal em fases. Também por isso, toda a análise resulta em abstrações: não é o caso de que um rio esteja dividido em fases, de que um trecho que vejo é “este pedaço”. Não se pode cindir um contínuo sem transformá-lo em outra coisa. Não se pode tomar um componente extenso como um ponto sem suprimir suas dimensões. Ou seja, estas são operações abstratas, que só funcionam *em função* de elementos mais básicos.

No que provavelmente foram as últimas linhas escritas por Husserl, a frase final de sua última obra revela precisamente a preocupação de se tomar nossas formulações abstratas ou nossos símbolos, utilizados para tornar inteligíveis nossas vivências mais complexas, pelas próprias vivências. O caso extremo deste problema seria tomar toda a natureza pelo nosso esquema conceitual:

A natureza pode ser pensada como uma multiplicidade definida, e podemos tomar tal ideia como base hipotética. Mas, enquanto o mundo é mundo do conhecimento, mundo da consciência, um mundo com seres humanos, tal ideia é absurda para ele a um nível insuperável (HUSSERL, 1970, p. 285).¹⁶

¹⁶ Nature can be thought as a definite manifold, and we can take this idea as a basis hypothetically. But insofar as the world is a world of knowledge, a world of consciousness, a world with human beings, such an idea is absurd for it to unsurpassable degree.

Pois, aquele modo de entender o agora (que homologa seu sentido ao da figura geométrica do ponto) é também fruto de um esquema conceitual – no caso, da consciência do tempo –, e procede formulando uma geometria do contínuo temporal. Como toda a análise, seus objetos são abstrações discretas, recortadas do contínuo temporal. Dessa maneira, todo ponto que imputarmos neste quadro para afigurar o agora não pode lhe substituir. Logo, o conceito de “ponto-agora” não passa de um efeito colateral do uso de nosso instrumentário analítico. Husserl sabe disso, sabe que operamos com conceitos abstratos e distintos, mesmo que estejamos lidando com vivências, e vivências não podem ser cindidas pela análise sem que lhe retiremos características vitais. Os componentes que resultam da análise, portanto, só funcionam em níveis abstratos; ou, nas palavras de Husserl: “A mera forma é admitida como uma abstração e, portanto, desde seu princípio, a análise da intencionalidade da consciência do tempo e sua conquista é uma análise que *só funciona no nível das abstrações*” (HUSSERL, 2001, p. 173)¹⁷.

Mesmo que, contra isso, se diga que a análise só pode instanciar algo – e tal efeito só pode vir a ser notado – se, de fato, houver ontologicamente um conteúdo se destacando num campo que é apenas aparentemente indistinguível, a resposta Husserliana é: a consciência não pode “objetificar” o presente como se estivesse “olhando” para seu acontecer a partir do passado; antes, a consciência é necessariamente consciência em cada uma de suas fases¹⁸ – pontuando mais uma vez –, é *temporalmente extensa*, tal que não pode recortar uma “fase” sua como se

¹⁷ Mere form is admittedly an abstraction, and thus from the very beginning the analysis of the intentionality of time-consciousness and its accomplishment is an analysis that works on [the level of] abstractions.

¹⁸ Sobre a questão, cf. HUSSERL, 1966, pp. 119 e sgs., ex.: “A fase inicial pode tornar-se um objeto apenas depois de ter decorrido no modo indicado, por meio da retenção e da reflexão (ou reprodução). Mas, se fosse ela intencionada apenas na retenção, então o que confere a ela o rótulo ‘agora’ permaneceria incompreensível. [...] É apenas um disparate falar de um conteúdo ‘inconsciente’ que apenas subsequenteiramente tornar-se-ia consciente. A consciência é necessariamente consciência em cada uma de suas fases. [...] Se a consciência primária não estivesse aí, nenhuma retenção seria concebível: a retenção de um conteúdo inconsciente é impossível.”

parasse sua própria transcorrência temporal e apontasse “aí está a proto-presentation”, “isso aí é o agora”. A análise é também uma reflexão e como toda reflexão se realiza *depois* da experiência, lidando, portanto, com conteúdos *retidos*, que foram antes também protensão e proto-presentation numa unidade indissociável de transcorrência. Por isso, afirmamos mais uma vez que a análise só pode discernir *abstratamente* as fases do fluxo.

A fenomenologia de Husserl não é ingênua quanto a estes modos de operar da análise. Se algo é posto em análise é porque este algo figura como um objeto, e a formação objectual é uma atividade intencional e judicativa¹⁹. Atividade que tematiza intencionalmente certos conteúdos em detrimento de outros, obedecendo às funções cinestésicas da motivação, dos nexos próprios do fenômeno, e dos sentidos pré-estabelecidos historicamente, que os individualizam e identificam nos níveis mais elevados de predicação. Este é o processo da constituição objectual, anterior e necessário para toda a análise, no qual o Ego toma para si um objeto. Em meio a este processo está uma característica vital para a presente investigação: a formação temporal de *unidade*. Esta formação dá-se da seguinte forma: todo conteúdo de consciência que permanece idêntico numa certa duração é uma unidade, e, como é evidente, só o que se apresenta como unidade para a consciência pode ser um (e só um) objeto para a consciência. Duas unidades de conteúdo nos apresentam dois objetos, ou um objeto em relação com outro.

A relevância desta noção para a questão deste texto aparece na seguinte passagem de Husserl: “temos diversas formações de unidade, transformações contínuas de modos de doação – mas *através das linhas de transformação que correspondem a cada ponto de duração, nós temos uma unidade: o ponto tonal*” (1966, p. 108-109; grifo nosso)²⁰. Husserl opera aí uma

¹⁹ Cf. HUSSERL, 1973, pp. 72 e sgs. E.g.: “[...] um objeto é o produto de uma operação objetificadora do Ego e, em sentido significativo, de uma operação de julgamento predicativo”.

²⁰ [...] haben wir eben verschiedene Einheitsbildungen: Beständige Wandlung der Gegebenheitsweise – aber durch die Wandlungslinien hindurch, die jedem Punkt der Dauer entsprechen, eine Einheit: der Ton-Punkt.

associação intencional entre os sentidos de *unidade* e de *ponto* (no caso, da tonalidade de um instrumento), na qual qualquer unidade constituída no fluxo pode ser nomeada um “ponto” no fluxo. Uma vez que cada um dos diversos conteúdos emergentes das vivências formam unidades de sentido, quando visualizamos vivências numa sequenciada disposição temporal (i.e., olhamos retroativamente para o passado), os pontos mostram-se precisamente como referências a um tempo *diferente* do atual. Somente se meu *ponto de referência* esvaneceu, se a unidade de conteúdo estimulante cessou, somente assim posso iterar minhas vivências numa ordem cronológica, sempre em referência à atualidade. Logo, são estes pontos que fixam posições temporais que servem como referência para o Ego: os pontos de referência. Posso dizer “tal como naquela vez” porque “naquela vez” vivenciei algo distinto, uma unidade estimulante internamente coesa. Isso também se aplica ao “ponto-agora”; é por força objetificadora da consciência que transformamos uma duração temporal em um ponto de referência. Neste caso extraordinário, o ponto é lançado bem onde o fluxo passa, tornando-se já um conteúdo sedimentado, uma possibilidade que se fechou ao se concretizar.

“AGORA” COMO INSERÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO TEMPO

Contudo, definir o “agora” como conceito abstrato ainda não é o suficiente para nossa questão inicial. Até este ponto, abordamos tudo que o agora *não é*. Falta o passo final em que é preciso mergulhar na experiência que origina esta abstração, visando esclarecer construtivamente o que é o agora no campo fenomenológico. Na “topologia” fenomenológica de Husserl, os pontos de referência (ex.: “depois”, “ontem”, “amanhã”) estão localizados na esfera do suspenso “tempo objetivo”, o tempo dos relógios, a esfera comunitária de acertos sobre o tempo. Já o agora permanece como um ponto de referência especial, que não aponta com firmeza e precisão para uma duração no tempo objetivo, por estar aparentemente restrito à esfera subjetiva. Contudo, esta divisão não se sustenta. Mesmo que a fenomenologia coloque o “tempo objetivo” entre parênteses para fazer emergir a temporalidade da consciência, a forma

universal do tempo subjaz as gramáticas de ambas. É o que vemos numa formulação particularmente clara de *Experiência e Juízo* (1973), texto escrito na metade final da década de 1930, onde se lê: “Tudo tem sua unidade naquilo em que tem fixada sua posição temporal neste mundo objetivo, seu lugar no tempo objetivo”, e mais a frente:

Antes de toda questão sobre a realidade objetiva – antes da questão sobre o que dá a certas “aparições”, os objetos intencionais doando-se em experiências intuitivas, o privilégio pelo qual lhe adjudicamos o predicamos “verdadeiro” ou “objeto real” – está o fato da propriedade essencial de todas as “aparições” serem *doadoras de tempo*, e isso de tal maneira que todos os tempos dados se inserem em *um tempo*. Tem, por conseguinte, todos os indivíduos percebidos e percebíveis a forma comum do tempo (HUSSERL, 1973, p. 164).²¹

Disso segue uma interpretação errônea – mas amplamente divulgada – da fenomenologia do tempo de Husserl: a de que sua perspectiva nos fornece a dicotomia de um tempo subjetivo e outro objetivo. O que Husserl nos mostra nessa passagem é que a aparição – sempre para uma consciência – é um acontecimento doador de tempo, e ser doador de tempo significa tanto marcar o início de um processo no tempo interno da consciência (ao modo da fórmula $[R-Pp-P]$), como também um processo passível de contagem (i.e., um agora a partir do qual se conta uma duração). Se cessa o estímulo para a percepção, o percebido deixa de ser “agora”. Deste modo, a própria aparição implica a sua temporalização, a qual podemos nos referir com os pontos de referência “depois”, “ontem”, “amanhã”. Logo, a aparição implica, ela própria, uma temporalização, a qual podemos nos referir com aqueles pontos de referência, segundo as diversas unidades de conteúdo vivenciadas.

²¹ Prior to all questions about objective reality – prior to the question concerning what gives priority to certain “appearances”, to intentional objects which are self-giving in intuitive experiences, by reason of which we bestow on them the predicate “true” or “real object” – is the fact of the essential characteristic of all “appearances”, of the true as well as those shown to be null, namely, that they are *time-giving*, and this in such a way that all given times become part of *one time*. Thus, all perceived, all perceptible, individuals have the common form of time.

Como já é claro, o “agora” tem, de fato, um lugar especial nesse quadro: ao contrário dos pontos de referência, ele não tem qualquer unidade de conteúdo ao qual referencia. Mas, seu papel ainda é determinante para que todo ponto de referência faça sentido. Se há um “depois” e um “antes”, um “amanhã” e um “ontem”, é porque há um agora. Muito antes de ser qualquer ponto determinado no tempo, *o agora é a própria inserção da subjetividade no tempo*. O agora é a origem, o marco zero de onde se lança o olhar para outras “posições” temporais. Dito de outra forma, se a doação de tempo de toda aparição pode sempre ser dita como uma aparição que é agora, e se posso dizer em seguida que se passaram 2 minutos desde esta tal aparição, é porque *posso medir em relação ao agora* utilizando do estalão “minuto”. Isto significa, ulteriormente, que *não se mede o “agora”* porque agora é a origem de toda e qualquer medida temporal. Seria o mesmo que tentar medir a extensão do metro em Paris, ou o mesmo que tentar medir quantos centímetros tem um “aqui”. É preciso ter em vista que só há medida *em função* de uma origem: é a origem que é “contada” num certo número de estalões.

Associações temporais como as de um calendário, com seus antes e depois estruturados sem qualquer necessidade de um “agora” (ou mesmo uma escala de tempo dos fenômenos naturais, sem qualquer referência a nosso agora), não são tempo propriamente dito, são abstrações mortas. Abstrações que só tem sentido quando o sujeito localiza-se em suas estruturas por meio de seu agora. Melhor dizendo: só há consciência do tempo *em função* do agora. O que vivenciamos como tempo depende necessariamente da capacidade de perceber a fluência “passando pelo agora” com sua “velocidade” própria de decurso. Por isso, as teses da fenomenologia se preocupam não em mostrar que há uma percepção subjetiva do tempo, mas como o tempo só pode *ser* enquanto for vivido: é para *nós* na medida em que o constituímos enquanto tal.

CONCLUSÃO: OS NOVOS CAMINHOS DOS MANUSCRITOS C

Em vez de finalizarmos o texto com um fechamento, sinalizamos

para todo o emaranhado de problemas que se seguem destas teses aqui apresentadas. Na década de 1930, em sua última e mais madura fase, Husserl retornou ao tema revisando alguns pontos fundamentais de suas teses e abrindo novos caminhos a serem perscrutados. Hoje sabemos que neste contexto Husserl propôs uma nova estrutura para a consciência do tempo interno baseada numa instância anterior à consciência. Em vez da estrutura vertical tipicamente encontrada na *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins* (1966), Husserl propõe uma estrutura horizontal baseada na passagem (também temporal) de uma proto-consciência (*Urbewußtsein*) à consciência atual e desta para, enfim, a retenção; além disso, todo processo segue em duas camadas, uma ativa (voluntária) e outra passiva (involuntária). Entre eles, a descrição do presente foi alterada: não mais encontramos a terminologia do “ponto-agora”, mas sim a do presente vivo e fluente, o *Lebendige Gegenwart*: “Se considerarmos este Ego transcendental, ou se considerar a mim, tal como sou para pressupor em todos os meus juízos prévios, de tudo que é para mim, precisamente como protocondição para o seu sentido de ser, então encontro-me como presente fluente” (HUSSERL, 2006b, p. 41; trad. nossa)²².

O presente vivo e fluente é resultado da última radicalização da *epoche*. Neste passo extremo, também as associações e os horizontes temporais são postos em parênteses e o que resta enquanto estrutura da subjetividade é exatamente um presente vivo e fluente, onde não há tempo e espaço em sentido próprio, mas apenas um “pré-ser” num “pré-tempo” como motores absolutos da temporalização originária (HUSSERL, 2006b, p. 187). Não que Husserl tenha visto seus esforços anteriores como um projeto fracassado; antes, para ele, a constante revisão era o maior dever do verdadeiro filósofo, cuja inquietação o moveria a nunca se resignar com a compreensão que têm e ensina aos outros. Mesmo algo tido por simplório, como o sentido do agora, se abordado por um olhar inquieto, pode revelar alguns dos mais profundos enigmas filosóficos.

²² Betrachten wir dieses transzendente Ego, oder betrachte ich mich, als wie ich allen meinen Vorurteilen, allem für mich Seienden, voranzusetzen bin, als Urbedingung für ihren Seinssinn für mich, so finde ich mich als strömende Gegenwart.

Abstract: What is the sense of saying “now”? We are used to the established temporal relations by their points of reference (like “yesterday”), distinguished one from the other by measurement and the counting of time (which uses yardsticks, like “day”). So, is the now only another one of these points? Husserl tells us that is not only looking at the constituted time and already shared in common by the world that we will comprehend what is the sense of the now. In this article, I try to follow Husserl’s theory of time with the intent to defend how the phenomenological perspective can clarify the relevant distinctions between “point” and “now”, especially when we comprehend “now” as an *origin* that closes in itself problems categorically distinct from those referred to the measurement in objective time.

Keywords: now; time; phenomenology; Husserl.

Referências

ALVES, Pedro M. S. *Subjetividade e Tempo na Fenomenologia de Husserl*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003.

ARISTÓTELES. “Physics”. In: *The Basic Works of Aristotle*. Ed. Richard McKeon. Trad. R. P. Hardie & R. K. Gaye. New York: Random House, 1941.

CAIRNS, Dorion. *Conversations with Husserl and Fink*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1976.

HUSSERL, E. *Analyses concerning passive and active synthesis*. Ed. e trad. Anthony J. Steinbock. Dordrecht: Kluwer Academics, 2001.

_____. *Experience and Judgment*. Ed. Ludwig Landgrebe. Trad. James S. Churchill & Karl Ameriks. Evanston: Northwestern University Press, 1973.

_____. *Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*. 2ª ed. Aparecida: Idéias & Letras, 2006a.

_____. *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. Trad. David Carr. Evanston: Northwestern University Press, 1970.

_____. *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins*. Ed. Rudolf Boehm. The Hague: Martinus Nijhoff, 1966.

_____. *Späte Texte Über Zeitkonstitution (1929–1934), Die C-Manuskripte*. Husserliana Materialien VIII. Ed. Dieter Lohmar. Dordrecht: Springer, 2006b.